



As tias

Fernanda
Marra

© **Fernanda Marra, 2025**

Coordenação editorial: Bárbara Tanaka e Guilherme Conde M. Pereira
Assistente editorial: Juliana Sehn
Fotografias: Acervo pessoal de Fernanda Marra e arquivos de domínio público
Capa e projeto gráfico: Manoela Haas
Preparação de texto: Juliana Sehn
Revisão: Guilherme Conde M. Pereira
Comunicação: Hiago Rizzi
Produção: Letícia Delgado e Raul K. Souza

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M358t Marra, Fernanda
 As tias / Fernanda Marra. — 1. ed. — Curitiba, PR:
 Telaranha, 2025.

 176 p.

 ISBN 978-65-85830-34-8

 1. Contos brasileiros I. Título.

CDD: 869.93

Índices para catálogo sistemático:

1. Contos : Literatura brasileira 869.93
Henrique Ramos Baldisserotto – Bibliotecário – CRB 10/2737

Direitos reservados à
TELARANHA EDIÇÕES
Rua Ébano Pereira, 269 – Centro
Curitiba/PR – 80410-240
(41) 3220-7365 | contato@telaranha.com.br
www.telaranha.com.br

Impresso no Brasil
Feito o depósito legal

1ª edição
Setembro de 2025

*No meu lenço de assoar
minha tia-avó bordou
um coração
a ponto de cruz
e a encarnado*

*Minha senhora
de que lhe serve um lenço de assoar
no labirinto de Creta?
de muito
de tanto quanto um comboio de corda*

ADÍLIA LOPES

sumário

Arremesso	9
As tias	13
Banho de folhas	25
Boda	43
Querido diário,	53
Broto	65
Vende-se laranjinha	77
Textamento	87
Vestido branco	101
Vizinha	111
Outro caso da vara	123
Kido	133
Carne de cavalo	151
Entre meadas	161
O corpo despedaçado por Fabio Weintraub	169



Arremesso

Nunca chamei minhas tias de tias. Sempre me dirigia a elas pelo nome próprio. Tias eram as tias dos meus pais, minhas tias-avós, de fato. Tias eram as professoras, as amigas da minha mãe e as mães das minhas amigas. Tia é uma mulher no comando da situação, *in charge*, quando a mãe se ausenta, e para quem a gente responde com respeito e admiração. A vergonha que me tomava ao pensar em chamar uma tia de tia é um mistério. Quando a família que morava longe vinha nos ver, era, ao mesmo tempo, uma alegria e um constrangimento. Havia um leve pavor ao pensar na hora em que estaríamos perto assim, cara a cara. O momento que os teria de olhar no olho e pronunciar: tio, tia.

Talvez faltasse intimidade por ter saído precocemente de perto dos parentes para morar com meu núcleo familiar em outro estado. O percurso analítico me diz que há algo mais. Faz supor que essa inibição paralisante ao pronunciar aqueles vocativos como se dissesse uma obscenidade vai referida a uma espécie de sintoma, algo da ordem do que não quero saber e insisto em sondar. O certo é que, mesmo admirando, detestando e perscrutando o quanto podiam as mulheres do meu círculo, cresci evitando chamar as tias e lhes acudir, embora contasse com sua presença e exemplo.

Difícil contornar esse título de livro que se impõe. Sem dúvida, é com as rebarbas do que me lembro, por haver testemunhado, ouvido ou intuído, que invento narrativas. As lembranças que me precedem e constituem foram costuradas com invenção que às vezes repete e amplifica a vida. Outras subvertem, refazem e denunciam. Nada aqui aconteceu e tudo foi abundantemente experimentado na pele desta professora de jardim, que tão cedo pretendeu ensinar o que não sabia. Finge ainda.

Leio para crianças, sempre lidei com elas, gostando de ver a magia fisgá-las com cores e imagens, sons que premeditadamente modulei para capturar-lhes a atenção, mesmo a das mais irrequietas e endiabradas. Crianças são assim, cedem às histórias, admitem os pressupostos com facilidade. Este livro não é para crianças, mas não deixa de se endereçar a elas. Este é o livro de outra criança. O livro que possibilita invocar a neta, a sobrinha, a filha perdida em mim. O livro que, de algum modo, me devolve ao lugar de onde, precoce, me retirei. Livro de uma liberdade funda e, não toda, de entrega às mulheres que juntas competem com os ideais de escolhas tão magníficas quanto impossíveis. Gosto de pensar que o livro é delas também, e que ele pode me ajudar a conversar com outras, as desconhecidas, a me aproximar do que

temos, se não em comum, aparentado, ao menos. *As tias* é o que consegui fazer com aquilo de que não posso fugir.

Com alguma coragem e um tanto de amor,

Diana



As tias

Uma bolha de silêncio antecede o estampido. Minha cabeça tomba para frente e abocanho o seu antebraço. O tempo é mordormento antes de o som tremer ao redor. Sinto o corpo formigar, cambaleio, e é só com o corte estridente da voz dela, no pé do meu ouvido, que percebo meus dentes enterrados em seu braço. Tranco e não solto. Não largo até a dor chegar para ela. Até murchar o berro que arreganha a arcada de Daniela e a faz terminar com a dentaria cravada no meu bíceps. Grudadas. Doídas. Abrimos o berreiro de sirenes desencontradas. Era exatamente assim que soávamos, agora e no começo de nossas vidas.

De pequenas, nos dávamos bem enquanto Daniela cedia seus presentes de Natal recém-abertos para eu fazer com eles o que me conviesse. Quando ela se cansava dos meus desmandos e começava a empinar a carroça, decidindo em qual ursinho eu podia pegar e em que casa a Moranguinho podia entrar, começava a baixaria.

Era inadmissível. E resolvia a injúria logo na base da dentada. Ela tinha tudo, todos os brinquedos que a Estrela havia criado e que estavam nas propagandas de tv. Eu tinha dentes, anseio pelos brinquedos que só via nas telas e no Natal. Ambas éramos meninas de poucas palavras ainda. Deixa as meninas se entenderem, uma hora elas param com isso, um tio gritava para nossas mães desesperadas. Que nada, havia sempre uma sentinela por perto, vigiando as pequenas canibais que, se fossem deixadas a sós, provavelmente se entredevorariam antes da chegada de Noel.

Só nos largávamos quando alguém acudia. Geralmente era o papel da tia Nália, que chegava de mansinho passando as mãos nos nossos cabelos, falando baixo, elogiando um ramo ou uma joaninha que acabara de encontrar no terreiro e trazia na mão sem nos mostrar. Ia falando com o ser que ela carregava para a gente escutar, folgando a tensão de nossas mandíbulas, fazendo a curiosidade ganhar espaço entre as gengivas. Nossas bocas moles não comprimiam mais a carne da outra. Com a mão livre, tia Nália enfiava os dedos entre os nossos cabelos e massageava a nuca de quem mordia. O corpo desmanchava transmutando tensão em atenção. Os olhos vidravam no que ela trazia consigo sem alardear. Era um segredo nosso.

Tia Nália nunca ralhava, nem nos dizia para parar o que fazíamos no auge de nosso arranca-rabo. Ela sabia drenar o bolsão das ganas que formávamos pondo para fora nossa raiva. Nem sempre era possível evitar as lacerações, mas o tormento parava e, na maioria das vezes, estávamos rindo e brincando juntas de novo, antes de as nossas caras choronas secarem. Agora não era diferente. Nem nossa musculatura velha impediu o estrago. Acontece que tia Nália já não está em condições de nos tapear com uma asa de borboleta, ou um naco de rapadura.

Muita gente já havia chegado. As tias tinham assumido seus postos na cozinha: tia Zilda fritando as linguças, no comando da arrumação; tia Cida descascando as espigas; tia Aurora procurando as travessas e as velas de citronela; tia Dalva acendendo o pito e descalçando os sapatos; e tia Nália alheia e alegre atrás de uma e outra, trançando nos cabelos das próprias pernas, fazia nada. Os preguiçosos, como sempre, entocados nos quartos, fingindo arrumar alguma coisa para não serem convocados a ajudar.

Fazia muitos anos que não nos reuníamos no sítio. Depois que as matriarcas se vão, algumas coisas perdem o sentido. A exemplo dessas reuniões de família, em que irmãos consentem estar na presença uns dos outros para não desgostar os velhos. Querer, querer mesmo estar junto, ninguém quer. Não era esse o caso das minhas tias. Elas pareciam bem na companhia umas das outras. As implicâncias e caretas faziam parte da cena em que uma levantava a bola para a outra. Havia uma alternância sábia entre as posições de palco e plateia. Eu ficava em outro cômodo, gostava de ouvi-las como se estivesse atrás de uma coxia.

Se tia Cida colocava o pano de prato nos ombros, tia Zilda, da pia, acusava a falta de asseio da irmã. Quando tia Dalva tirava o palheiro de dentro da sacola, tia Aurora ficava atrás dela batendo a mão na frente do nariz, queixando-se do fedor da fumaça para as outras, que riam disfarçadamente e escondiam os fósforos atrás das velas, deixando a irmã desnorteada. O calor aumentava, o repertório descia os degraus do decoro. Discutiam a respeito dos métodos, da ordem dos ingredientes, da espessura dos cortes, da combinação dos temperos, das panelas e das tampas, da lenha e das latinhas de margarina reutilizáveis da vó, que ninguém tinha coragem de botar fora. Era animado o cacarejo delas. Estava com saudades das tiradas sarcásticas com as pirraças e manias tão